
ARTIGO

A BUSCA DO RELATO VERDADEIRO: A NARRATIVA HISTÓRICA DE HERODIANO.**ANA TERESA MARQUES GONÇALVES****Departamento de História - UFG**

Muito pouco se sabe sobre a vida particular e pública de Herodiano, o que faz com que os historiadores que trabalham com sua obra, intitulada *História do Império Romano depois de Marco Aurélio*, estejam sempre situados no campo das hipóteses. Atualmente acredita-se que ele tenha nascido por volta de 180 d.C., na região oriental do Império, pois escreveu em grego, e que tenha falecido na mesma região em torno do ano de 250 d.C. Sua condição social é incerta, mas na sua própria obra ele afirma que exerceu várias funções imperiais ou públicas, durante as quais foi testemunha de vários fatos que constituíram o objeto de sua narrativa (Herod. I, 2, 5).

Herodiano inicia o seu primeiro capítulo com as seguintes palavras:

“A maioria dos que se dedicam à composição de obras de história e aspiram manter viva a recordação de fatos acontecidos no passado, em seu afã de fama perene para seu ensino e com o fim de não passar sem glória e inadvertidamente pelo grande público, preocupam-se pouco com a verdade em seus relatos, mas cuidam sobretudo do vocabulário e do estilo, porque confiam que, ainda que suas palavras lidem com a lenda, eles recolherão o aplauso de seu auditório e não será questionada a exatidão de sua investigação” (Herod. I, 1, 1)¹.

O autor coloca-se, assim, ao menos a nível do discurso, ao lado de uma tradição historiográfica que remonta aos gregos, na qual busca-se os fatos verdadeiros mediante a feitura de uma investigação criteriosa do que será relatado. Moses Hadas, por exemplo, ressalta a influência da tradição literária grega e a de

¹ Pelo fato de Herodiano ter escrito sua obra em grego (koiné), absteremo-nos de apresentar as passagens aqui citadas no original. Preferimos inseri-las no corpo do texto mediante uma tradução portuguesa, feita por nós a partir do original grego.

Tucídides, em especial nas obras de Políbio, Tito Lívio, Tácito e Dionísio de Halicarnasso (HADAS, 1950, pp. 226-243). Gostaríamos de demonstrar neste trabalho que esta influência não se limitou às obras produzidas na República e nos dois primeiros séculos do Império, períodos nos quais o gênero historiográfico mais se desenvolveu em Roma. Ela permaneceu ativa no III Século d.C. e serviu de referência, tanto para a obra de Dion Cássio (BOWERSOCK, 1973, p.204), quanto para a obra de seu contemporâneo Herodiano.

Mas o que exatamente teria Herodiano retirado dos ensinamentos gregos acerca da confecção de obras de História?

Em primeiro lugar, Herodiano enfatiza que gloriosos e dignos de memória devem ser os fatos narrados e não os empreendedores da tarefa de relatá-los. Tanto que o nome do autor não aparece nenhuma vez discriminado na narrativa. Ele só aparece expresso junto ao título da obra, reponsabilizando-se pelo que está escrito. Contudo, participa de forma indireta no relato ao dar algumas opiniões morais e ao mostrar os procedimentos utilizados em suas investigações. O gênero histórico serviria, assim, para glorificar os autores dos feitos narrados e não os autores da narrativa dos feitos.

Em segundo lugar, a História, para Herodiano, não é o relato de todos os fatos ocorridos, mas sim a narração do que é considerado importante e digno de glória pelo narrador, que utiliza como critérios de escolha do que será narrado: a possibilidade de verificar a veracidade do fato; a grandeza em si do acontecimento; e a potencialidade didática da ocorrência. O bom historiador deve concentrar a sua atenção sobre os episódios importantes e significativos e organizá-los de uma forma lógica, para serem compreendidos pelos leitores de sua época e pelos leitores posteriores. Seguindo uma cronologia baseada na sucessão dos imperadores, Herodiano preocupa-se mais em fornecer elementos para a reflexão política e sobre as questões relacionadas ao poder, do que em especificar indubitavelmente o momento em que os fatos ocorreram. Os fatos só se tornam compreensíveis se dispostos de uma forma encadeada cronologicamente.

Segundo Herodiano: “*Minha intenção é relatar o que ocorreu em cada caso, ordenando os fatos cronologicamente e por reinados*” (Herod. I, 1, 6). Isto porque é o encadeamento cronológico dos fatos relatados que garante à obra uma coerência lógica e uma ordem de entendimento fundamentais para que a mensagem da obra seja bem compreendida pelo público. A sucessão dos fatos fundamenta a sua inteligibilidade, ou seja, o que ocorreu antes explica o que houve depois, do mesmo modo que o futuro confirma as previsões e os atos do passado e do presente. Desta forma, as digressões se caracterizam por explicar fatos passados que, de

alguma maneira, auxiliam na compreensão dos fatos narrados. Vide, por exemplo, a digressão que é feita ao tempo de Augusto para explicar a fácil entrada de Septímio Severo na Itália, onde os cidadãos estavam desacostumados do uso de armas de combate (Herod. I, 11, 3-6) ou a citação das guerras civis para explicar o uso de adagas por alguns senadores no III século d.C. (Herod. VII, 11, 4).

É por isso também que Herodiano se preocupa em começar cada livro com um resumo do anterior; para que a cronologia dos acontecimentos seja respeitada. Mais importante que datá-los é inseri-los numa cadeia causal. Acrescente-se a isto o fato de que a organização dos acontecimentos por reinado facilita a discussão acerca do poder de cada soberano, pois pode-se ver o que os bons imperadores fizeram em relação com as práticas dos maus governantes. Como o autor se preocupa mais com a mensagem que ficará para a posteridade sobre os cinquenta e oito anos narrados na obra do que com a exatidão das datas, é notável a falta do que chamaríamos de precisão no relato. São comuns as expressões: “*durante um curto tempo*” (Herod. I, 6, 1); “*durante uns poucos anos*” (Herod. I, 8, 1); “*não muito tempo depois*” (Herod. I, 10, 1); “*ocorreu por aquele tempo*” (Herod. II, 6, 3), entre outras. Seguindo uma cronologia causal, Herodiano preocupa-se em fornecer elementos para reflexão que se interliguem; deste modo mais do que batalhas, que serão o fio condutor das narrativas dos Breviários no IV século, ele narra costumes, perfis de agentes históricos, conjurações de corte, e tudo o mais que possa dar inteligibilidade ao relato e nos quais a natureza humana seja transformada em exemplo para as gerações vindouras. Um dos critérios de veracidade arrolados por Herodiano é exatamente o fato dos acontecimentos narrados serem necessários para a compreensão do que foi dito anteriormente e para o entendimento do que será dito depois. Se o fato narrado está servindo para dar seqüência lógica à narrativa, isto já serve para demonstrar a sua veracidade.

Em quarto lugar, os fatos devem ser encadeados para transmitir uma mensagem verdadeira sobre o passado e não de modo a adular ou criticar imperadores e outros agentes, cujo poder e posição elevada mereceram a atenção do historiador. Herodiano critica os que ressaltam fatos e situações não muito importantes para a compreensão da narrativa, visando algum fim diferente da rememoração constante de um passado glorioso romano, ao afirmar:

“Alguns por inimizades privadas ou por ódio aos tiranos ou por adulação ou honra aos imperadores, cidades ou particulares têm apresentado fatos triviais e sem importância com uma fama superior à verdade” (Herod. I, 1, 2).

O autor percebeu, assim, o poder das palavras e dos que as manipulam, pois, tanto podem construir um relato verdadeiro, quanto falso, uma imagem distorcida, ou uma que se aproxime do real vivido no passado. Pior que não controlar a veracidade por intermédio de técnicas precisas seria procurar deliberadamente o engano no lugar da verdade (Herod. III, 7, 3).

Que técnicas deveriam ser estas a garantir o princípio da veracidade?

Após criticar historiadores que não se dedicavam a uma investigação exata e cuidadosa dos fatos e nem se preocupavam com a causalidade discursiva, Herodiano indica como irá proceder para não repetir tais falhas metodológicas, isto é, que técnicas irá empregar:

“Eu não aceitei nenhuma informação de segunda mão, sem provas, nem testemunhos, mas, subordinado à recente recordação de meus leitores, eu recopiei os dados para a minha história com total respeito à exatidão” (Herod. I, 1, 3)

“Mas meu objetivo é relatar sistematicamente os sucessos de um período (...) que abarca o reinado de muitos imperadores, sucessos dos quais tenho conhecimento especial. Em consequência, somente apresentarei uma narração por ordem cronológica das ações mais importantes (...). Não ressaltarei nada por adulação, como faziam os escritores contemporâneos, nem tão pouco omitirei nada do que seja digno de menção ou de recordação” (Herod. II, 15, 6-7).

Então, as técnicas básicas seriam:

1º) ao relatar fatos não vivenciados, mas importantes para a compreensão da narrativa, buscar verificar a autenticidade das informações mediante a cópia de relatos anteriores já verificados, a conversa com pessoas mais velhas e que vivenciaram os fatos e a aceitação do relato pelo público leitor, que perceberia se há nele uma inteligibilidade clara. A veracidade é assim garantida não apenas por quem relata, mas principalmente por quem lê ou escuta a obra, pois ao tratar de fatos ocorridos em tempos próximos, a verdade encontra-se subordinada à recordação dos leitores. Herodiano não fornece o nome de seus informantes ou das fontes consultadas. Porém, como afirma Moses Finley, esse era o comum na historiografia antiga (FINLEY, 1986, pp. 19-47), já que a veracidade não advém somente da fonte das informações, mas principalmente da relação que se constitui entre o autor e o público por intermédio do que é narrado.

2º) dar primazia aos fatos presenciados pelo narrador, os acontecimentos por ele vistos e ouvidos. Por isso, Herodiano escolhe narrar fatos contemporâneos a si, como afirma:

“ Eu escrevi uma história sobre os fatos posteriores à morte de Marco, fatos que vi e escutei durante toda a minha vida. E de alguns deles participei diretamente em meus postos de serviço imperial e público” (Herod. I, 2, 5).

O ver e o ouvir eram critérios incontestáveis de veracidade para o homem antigo.

3º) ao crer que o conhecimento que está produzindo tem um aspecto durável, universal e didático e, portanto, uma utilidade e uma finalidade prática, o historiador deve escolher um tema ou um período que interesse às gerações posteriores. É a crença numa utilidade prática que leva os autores a procurarem a veracidade. Nesta busca do que deve ser mencionado e recordado, Herodiano indica o porquê de ter escolhido relatar o que viu e ouviu:

“Eu acredito que não desagradará aos leitores posteriores o conhecimento de um tão grande número de importantes acontecimentos concentrados em um tão curto espaço de tempo. Em todo caso se alguém passasse em revista todo o período que vai de Augusto, quando o regime romano se transformou em poder pessoal, não encontraria nos cerca de duzentos anos que vão até os tempos de Marco nem tão contínuos relevos no poder imperial, nem tantas mudanças de sorte em guerras civis e exteriores, nem comoções nos povos das províncias e conquistas de cidades (...), nem movimentos sísmicos e pestes, nem finalmente vidas de tiranos e imperadores tão incríveis que antes eram raras ou nem sequer se recordavam. Destes imperadores, uns mantiveram sua autoridade durante bastante tempo, enquanto para outros o poder foi passageiro; alguns, procurando somente o poder do título e da glória efêmera, rapidamente foram derrotados. Durante um período de sessenta anos, o Império Romano esteve em mãos de mais senhores do que o tempo exigia, e produziu um enorme número de situações cambiantes e surpreendentes” (Herod. I, 1, 3-5).

Os fatos narrados também recebem veracidade pelo caráter de excepcionalidade e de grandeza que o autor busca lhes imputar. Como sempre, são as situações de mudanças rápidas, num curto espaço de tempo, que despertam a atenção do historiador. Os fatos são relevantes e dignos de nota por assinalarem modificações profundas e relativamente rápidas na condição do corpo cívico organizado (MOMIGLIANO, 1984, p.52). Frente à importância da narrativa, a preocupação metodológica se constitui num elemento a mais para garantir a utilidade do relato para as próximas gerações.

4º) para garantir a veracidade de uma narrativa tão fundamental e para poder perceber a cadeia lógica que liga os fatos e que garante a sua inteligibilidade, o historiador deve dar um espaço temporal entre o momento em que os fatos ocorreram e o momento em que ele os relata. Herodiano só narra os fatos ocorridos até 238 d.C., apesar de ter morrido bem depois. Acreditamos que isto indica a necessidade desta distância temporal, para que o narrador tenha condições de identificar como os fatos devem ser relatados para que convençam o público.

5º) não inserir fatos que não sejam importantes para a compreensão do relato e de sua mensagem moral e, ao mesmo tempo, não omitir nada que seja digno de menção e de recordação. O relato deve ser equilibrado entre omissões intencionais e fatos dignos de integrarem o conjunto de *exempla* romanos. Da História de Herodiano não ficam de fora as lendas, os oráculos e os sonhos. As lendas descritas são vistas como mitos historicizados, na expressão de Jean Bayet (BAYET, s.d., p.58), ou seja, são histórias que hoje nós identificamos como lendas, mas que na época imperial tinham sua veracidade garantida pela tradição e atestada pela repetição, e que foram incluídas na trama histórica com um valor moral e ético. A lenda tem lugar no relato histórico quando auxilia na explicação dos fatos ocorridos e é apresentada com suas múltiplas versões. Para os romanos, ela preenchia as lacunas de seu conhecimento sobre o passado e deveriam fazer parte da memória política e cultural junto com os fatos propriamente históricos. Por exemplo, ao narrar a causa dos romanos venerarem a *Dea Mater*, o próprio Herodiano afirma que: “*Talvez seja uma exposição cheia de fantasia, mas oferecerá uma informação nada desprezível para os que não estejam familiarizados com a história dos romanos*” (Herod. I, 11, 1-5).

Os oráculos e os sonhos, por sua vez, só são relatados quando foram confirmados pelos acontecimentos posteriores. Após seu relato, Herodiano sempre faz questão de enfatizar que eles realmente indicaram algo que se efetivou, demonstrando a pertinência de seu relato, pois estimularam as ações humanas. Ao relatar os sonhos e os oráculos que previram a ascensão ao poder de Septímio Severo, Herodiano afirma: “*Se reconhece que todos estes prognósticos não se equivocaram e são verdadeiros quando os fatos posteriores lhes dão razão*” (Herod. II, 9, 3-7). Estas inclusões, portanto, não colocavam em perigo a veracidade e a pertinência do relato.

6º) o historiador não precisa necessariamente buscar uma verdade geral e única, renunciando às versões múltiplas, optando sempre pela versão mais verossímil, mais crível e semelhante ao real vivido no passado. Herodiano permite a primazia da dúvida e do questionamento, apresentando várias versões para um mesmo fato e permitindo que o leitor se incline pela que lhe pareça mais verdadeira ou mais provável. Por exemplo, ao falar de Pescênio Nigro, Herodiano afirma:

“Tem quem opine que a causa de Nigro (de vencer Severo), traído por Emiliano, esteve condenada ao fracasso desde suas origens. (...) Uns afirmam que Emiliano conspirou contra Nigro porque o invejava (...) Outros opinam que foi persuadido por seus filhos (...)” (Herod. III, 2, 3).

O próprio Herodiano não opta por nenhuma das duas versões possíveis para a traição de Emiliano, inserindo ambas em sua narrativa e lhes conferindo igual valor. Não importa qual das duas é a mais verdadeira, pois ambas ensinam quem as lê. Ambas são relatos de maus exemplos que devem ser evitados: quer agir por inveja, quer se deixar levar pela opinião dos mais jovens e menos experientes. Herodiano chega mesmo a admitir em alguns momentos que desconhece certas informações capazes de dotar um acontecimento narrado de uma veracidade indubitável. Por exemplo:

“Não sabemos se Maximiliano desconhecia o que se tramava ou se estava secretamente implicado nos preparativos (do motim contra Severo Alexandre)” (Herod. VI, 8, 5) e “Não sabemos se refletia a verdade ou se era uma invenção do Maximiano (o perigo bárbaro); não se pode dizê-lo com exatidão, posto que não houve ocasião de prová-lo” (Herod. VII, 1, 8).

Acreditamos que estas passagens, ao invés de um descuido com a questão da veracidade e da objetividade do relato, refletem uma preocupação do autor em separar o que foi comprovado e o que não pôde ser provado, mesmo mediante uma exaustiva investigação de provas e testemunhos. O primado da dúvida e da controvérsia não nos parece ser uma falha metodológica do autor, mas sim uma preocupação técnica em separar o provável/possível/desconhecido do confirmado por sua investigação ou por sua visão/audição.

Seguindo estes princípios e técnicas historiográficas de composição do discurso denominado de caráter histórico, expressos em sua própria obra, Herodiano acredita estar fornecendo ao seu relato dos acontecimentos, ocorridos entre 180 e 238 d.C., um cunho de veracidade e de objetividade e um valor de utilidade didática, mnemônica e política para a aristocracia romana, o seu provável público leitor, que compartilhava com ele o poder de construir a memória política romana. Como afirma Hannah Arendt (ARENDR, 1988, pp.72-79), todas as coisas que devem sua existência aos homens, tais como obras, feitos e palavras, são perecíveis, como que contaminadas com a mortalidade de seus autores. A capacidade humana para dotar suas obras, feitos e palavras de alguma permanência e impedir sua perecibilidade era a sua recordação constante. É através da História que ocorre essa permanência temporal. A História acolhe em sua memória aqueles mortais que através de

feitos e palavras se provaram dignos da imortalidade, e sua fama eterna significa que eles podem permanecer na companhia das coisas que duram para sempre. Cabe, portanto, ao historiador Herodiano identificar que fatos e personagens merecem a imortalidade pela recordação e garantir a veracidade e a pertinência moral e didática do que passará, por critérios de forma e conteúdo, a integrar a memória política dos romanos.

BIBLIOGRAFIA

A) Fonte

HERODIANO. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurélio*. Traducción y notas por Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985.

_____. *Histoire de l'Empire Romain après Marc-Aurèle*. Traduit et commenté par Denis Roques. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

_____. *Storia dell'Impero Romano dopo Marco Aurelio*. Testo e versione a cura de Filippo Cassola. Firenze: Sansoni, 1967.

B) Obras

ANDRÉ, J.M., HUSS, A. *La Historia en Roma*. Madrid: Siglo XXI, 1975.

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

BAYET, Jean. *La Religion Romana*. Madrid: Cristiandad, s.d.

BOWERSOCK, G.W. "Greek Intellectuals and the Imperial Cult in the Second Century A.D." *Le Culte des Souverains dans l' Empire Romain*. Genève: Fondation Hardt, 1973. t. 19. pp.179-206.

BURY, J.B. *The Ancient Greek Historians*. London: Macmillan, 1909.

FINLEY, Moses I. *Historia Antigua: problemas metodologicos*. Barcelona: Crítica, 1986.

HADAS, M. *A History of Greek Literature*. New York: Columbia University Press, 1950.

LACROIX, B. *L' Histoire dans l' Antiquité*. Paris: J. Vrin, 1951.

MOMIGLIANO, A. L' Histoire entre la Médecine et la Rhétorique. In: GADOFFRE, G. (Dir.) *Certitudes et Incertitudes de l' Histoire*. Paris: PUF, 1987, pp.31-41.

_____. *La Historiografia Griega*. Barcelona: Crítica, 1984.

_____. *Problèmes d' Historiographie Ancienne et Moderne*. Paris: Gallimard, 1983.

PIRES, F.M. "História e Poesia." *Revista de História*, São Paulo, n.121, pp.27-44, ago./dez. 1989.

STARR, R.J. "The circulation of Literary Texts in the Roman World." *The Classical Quarterly*, Oxford, Oxford University Press, v.37, n.1, pp.213-223, 1987.

WEIL, R. "Naissance et Mort de la Verité Historique dans la Grèce Antique." In: GADOFFRE, G. (Dir.) *Certitudes et Incertitudes de l' Histoire*. Paris: PUF, 1987, pp. 19-28.